



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/03/2025 e 20/03/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
14/03/2025	9,99	298,90	41,00	5,45	4,45
17/03/2025	10,15	304,30	42,10	5,68	4,61
18/03/2025	10,12	299,90	42,54	5,65	4,58
19/03/2025	10,08	297,70	42,36	5,63	4,62
20/03/2025	10,13	297,10	42,71	5,57	4,69
Média	10,09	299,58	42,14	5,60	4,59

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	129,00	
RS – Não Me Toque	127,00	
PR – Pato Branco	121,00	
PR – M.C.Rondon	117,00	
MT – C.N.Parecis	107,00	
MS – Maracaju	117,00	
GO - Rio Verde	112,00	
BA – L.E.Magalhães	114,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	72,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	69,00	
SC – Rio do Sul	71,00	
PR – M.C.Rondon	69,00	
PR – Pato Branco	72,50	
MT – C.N.Parecis	78,00	
MS – Maracaju	80,00	
SP – Itapetininga	89,00	
SP – Campinas	91,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	71,00	
RS – Não Me Toque	73,00	
PR – Pato Branco	78,00	
PR – M.C.Rondon	77,00	

Período: 19/03/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 20/03/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	68,89	128,00	71,92

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
20/03/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	83,16
Feijão (saco 60 Kg)	262,22
Sorgo (saco 60 Kg)	60,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,59**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,89

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Com maio passando a ser o primeiro mês cotado, o valor do bushel de soja subiu um pouco em relação a semana anterior. Porém, no transcorrer da presente semana o mesmo recuou um pouco, encerrando o pregão da quinta-feira (20) em US\$ 10,13, contra US\$ 9,96 uma semana antes.

Dito isso, a Associação dos Esmagadores de Soja dos EUA anunciou que, em fevereiro, o processamento da oleaginosa naquele país ficou 4% abaixo do esperado pelo mercado e 4,5% abaixo do registrado em fevereiro do ano passado. No caso do óleo de soja os estoques estadunidenses ficaram 8,4% acima das expectativas do mercado e 18% acima do registrado em janeiro.

Por outro lado, as importações de soja dos Estados Unidos pela China aumentaram 84,1% nos dois primeiros meses de 2025 em comparação com 2024. Todavia, a partir de março, devido a guerra comercial imposta por Trump, esse quadro deverá mudar em favor do Brasil. A China comprou 9,1 milhões de toneladas de soja dos EUA no somatório de janeiro e fevereiro, contra 4,96 milhões em igual período do ano passado. Na prática, houve uma antecipação de compras chinesas diante da iminência da chegada das tarifas comerciais estadunidenses, assim como houve atraso na colheita brasileira, o que obrigou os chineses a se concentrarem mais na soja norte-americana no início do ano. Já as compras de soja brasileira, por parte da China, recuaram 48,4% no mesmo período, ficando em 3,59 milhões de toneladas, contra 6,96 milhões em 2024. Já as importações totais chinesas, no primeiro bimestre do ano, subiram 4,4%, para 13,61 milhões de toneladas.

E na Bolívia, país que produz entre 3 a 4 milhões de toneladas de soja por ano, na região agrícola de Santa Cruz de la Sierra, os produtores estão preocupados com a escassez de combustível, o que atinge a colheita das diferentes safras. A falta do insumo se deve ao recuo nas reservas de moeda estrangeira que a Bolívia possui, algo que vem acontecendo nos últimos 10 anos. Além disso, o forte recuo na produção de gás localmente, a qual atinge níveis de crise, também é um motivo importante. Sem combustível, os produtores locais ficam mais endividados do que já estão. O governo tenta acalmar a situação com subsídios, porém, o caixa está curto. O risco é o país perder, por falta de colheita, uma grande quantidade de soja, milho e sorgo, afetando as demais cadeias produtivas, caso das carnes, leite e ovos. “O governo da Bolívia, sob crescente pressão devido à crise do dólar e dos combustíveis, tentou facilitar as importações, permitindo que a empresa estatal de energia YPFB usasse criptomoedas para pagar cargas de combustível e pagar empresas.” A taxa de câmbio paralela atingiu mais de 11 bolivianos por dólar, contra 6,86 na taxa oficial controlada, em meio à escassez de moeda forte (cf. Reuters).

E no Brasil, os preços da soja se mantiveram estáveis. A média gaúcha ficou em R\$ 128,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os mesmos giram entre R\$ 107,00 e R\$ 121,00/saco.

Até meados da corrente semana a colheita de soja no Brasil chegava a 66% da área semeada, contra a média histórica de 65,6% para o período (cf. Pátria AgroNegócios). Especificamente no Mato Grosso, a colheita atingia a 97,3% no final da semana anterior (cf. Imea). Por sua vez, a consultoria AgRural aponta que colheita de soja do

Brasil atingiu a 70% da área plantada até o dia 13/03, o que representaria o ritmo mais forte para esta época do ano em pelo menos 14 anos.

Já a produção brasileira deverá ficar entre 165 e 170 milhões de toneladas, dependendo do número final a ser colhido no Rio Grande do Sul, onde a quebra de safra já está ao redor de 40% em média, em relação ao esperado. Alguns analistas privados ainda esperam 172,5 milhões de toneladas, caso de Safras & Mercado e 170,9 milhões, caso da Abiove. Mesmo com a quebra gaúcha, mas também em parte de Santa Catarina e no Mato Grosso do Sul, a colheita nacional de soja deverá ser recorde. Lembrando que a Abiove indica uma safra passada (2023/24) em 154,4 milhões de toneladas, prejudicada que foi pelo clima em diversas localidades.

A Abiove ainda informa que a exportação de óleo de soja será maior em 27,3%, em relação à estimativa de fevereiro, passando a 1,4 milhão de toneladas, após o governo brasileiro decidir pela manutenção da mistura de biodiesel no diesel fóssil em 14%. Ao mesmo tempo, reduziu o consumo brasileiro de óleo de soja, em 2025, em 3,8%, com o mesmo passando a 10,1 milhões de toneladas. Lembrando que no ano passado mais de 7 bilhões de litros de óleo de soja foram destinados à produção de biodiesel.

Enfim, a Anec estima que o Brasil irá exportar 15,6 milhões de toneladas de soja em março, lembrando que o mês de maior exportação de soja pelo Brasil, que é o maior produtor e exportador mundial da oleaginosa, se deu em abril de 2021, com 15,7 milhões de toneladas.

“A expectativa é de que o Brasil exporte mais de 100 milhões de toneladas em 2025, com a confirmação de uma colheita recorde próxima de 170 milhões de toneladas, além de uma demanda forte da China, maior importador que está em guerra comercial com os Estados Unidos, segundo exportador global.” (cf. Abiove).

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, considerando o primeiro mês, fechou a quinta-feira (20) em Chicago a US\$ 4,69/bushel, contra US\$ 4,53 uma semana antes. No início do mês de março o bushel chegou a bater em US\$ 4,36 apenas.

Em relação à Bolsa de Chicago, estudo publicado pela Reuters indica que a recente liquidação de contratos futuros de milho naquela Bolsa, motivada pelas tarifas, foi extrema. Isso porque, normalmente, não são vistas grandes oscilações nas cotações do milho da nova safra nos primeiros meses do ano. De fato, os contratos futuros de milho de dezembro em Chicago, que representam a próxima safra de milho dos EUA, caíram quase 7% em um período de oito sessões que terminou em 4 de março. Isso representou a pior queda em oito sessões nos primeiros três meses do ano desde uma perda de 11% em março de 2011. O mercado considera ser um grande problema se o milho da nova safra estadunidense não atingir sua máxima do ano que é de US\$ 4,79/bushel, ocorrida em 20/02. Lembrando que os contratos futuros de milho, para dezembro, não atingem sua máxima do ano de vencimento, em fevereiro, desde 1982. Em Chicago, junho é o melhor mês para os preços do milho atingirem suas máximas do ano, seguido por julho. Esses dois meses apresentaram a máxima do milho em 16 dos últimos 52 anos. Neste momento, tanto o milho quanto a soja estão cerca de 6%

abaixo das máximas de fevereiro em Chicago. Dito isso, acredita-se que, antes do vencimento, o milho de dezembro retorne a pelo menos US\$ 4,70 por bushel, que foi o preço médio do mês passado e é igual à garantia de seguro de 2025 para os agricultores dos EUA. Isso porque, desde pelo menos 1973, ou seja, há mais de 50 anos, o milho de dezembro nunca deixou de retornar ao preço médio de fevereiro em algum momento após fevereiro. Mas, é bom lembrar que 2025, com a guerra comercial imposta por Trump, torna-se um ano de muitas incertezas e tudo é possível acontecer (cf. Karen Braun, Reuters).

E aqui no Brasil, os preços do milho se mantêm firmes neste início da segunda quinzena de março. No balcão, o produto oscilou entre R\$ 72,00 e R\$ 89,00/saco nas diferentes regiões do país, enquanto a média gaúcha fechou a semana em R\$ 68,89/saco.

Segundo o Cepea, enquanto o plantio da safrinha chega a 90% no país, os baixos estoques e a demanda firme sustentam os preços internos. Campinas (SP) já está girando ao redor de R\$ 90,00/saco, patamar nominal verificado pela última vez em abril de 2022. Dados da Conab indicam que os estoques iniciais, da temporada 2024/25, são de apenas 2,04 milhões de toneladas, inferior às 2,1 milhões de toneladas apontadas em fevereiro/25 e bem abaixo das 7,2 milhões de toneladas da safra 2023/24. O atual estoque representa apenas 2,4% do consumo anual do milho pelo mercado interno, estimado pela Conab em 87 milhões de toneladas em 2024/25. Ou seja, a pressão altista sobre os preços do milho deverá continuar até o início da colheita da safrinha. Além disso, a mesma dependerá do volume a ser colhido nesta segunda safra, o qual dependerá do clima. Entre os estados mais avançados no plantio estão Mato Grosso (98,8%), Goiás (94,8%), Maranhão (88%), Tocantins (85,6%), Mato Grosso do Sul (82,2%), Paraná (79,6%), Piauí (76,2%), Minas Gerais (70,4%) e São Paulo (46%).

Já na B3, o fechamento do dia 19/03, junto aos primeiros contratos, girou entre R\$ 74,15 e R\$ 83,31/saco.

Enfim, segundo a Secex, nos primeiros oito dias úteis de março o Brasil exportou 612.929 toneladas do cereal, com a média diária aumentando 258% em relação a média de todo o mês de março do ano passado. Espera-se que o Brasil exporte 42 milhões de toneladas de milho em 2025 (cf. StoneX).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (20) ficou em US\$ 5,57/bushel, contra US\$ 5,47 uma semana antes. Na prática, em Chicago o bushel saiu de US\$ 5,18 no início de março para US\$ 5,68 no início da presente semana.

E no Brasil, os preços continuam subindo. As médias de balcão, para o produto de qualidade superior, giraram entre R\$ 71,00 e R\$ 73,00/saco no Rio Grande do Sul e entre R\$ 77,00 e R\$ 78,00 no Paraná. Este comportamento altista dos preços do cereal se deve a pouca oferta do produto neste momento de entressafra, especialmente do produto de qualidade. Isso está levando muitos compradores a optarem pelas

importações (cf. Cepea), aproveitando-se da valorização do Real nestas últimas semanas. Lembrando que a Conab projeta, para a futura safra 2025, um aumento de 15,6% na produção (se o clima deixar), com a mesma passando a 9,1 milhões de toneladas. A produtividade deve avançar 18%, indo para 3.040 quilos/hectare, equivalente a 50,7 sacos/hectare, enquanto a área de cultivo deve cair 2,1%, para quase 3 milhões de hectares. Essa redução na área se dá pelas incertezas quanto ao clima e aos preços do mercado.

No Rio Grande do Sul, a área deverá recuar 3,8% segundo o órgão público, enquanto no Paraná o recuo seria de 2,3%. Assim, para alcançar a produção projetada, o clima deverá ser muito positivo no Sul do país durante o período do trigo. Caso contrário, a produção final poderá cair para os níveis do ano passado, ou seja, 7,9 milhões de toneladas.

Enfim, informações preliminares da balança comercial brasileira indicam que, em fevereiro de 2025, o Brasil importou 336.600 toneladas de trigo em 15 dias úteis, enquanto as exportações, no mesmo período, somaram 567.100 toneladas. A estimativa para a safra 2025/26 reduziu a projeção de importação de 5,8 milhões para 5,6 milhões de toneladas, desde que a produção final confirme os 9,1 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais da safra podem encerrar o período em 1,73 milhão de toneladas (cf. Secex in: Agrolink).